

REBATIMENTO DE DIMENSÕES SÓCIO-CULTURAIS NO AMBIENTE CONSTRUÍDO: UMA PROPOSTA METODOLÓGICA BASEADA NA OBSERVAÇÃO DE CUNHO ETNOGRÁFICO

Alice Brasileiro

APRESENTAÇÃO (especial para os alunos de SADAC)

Este texto é uma versão parcial e resumida da proposta metodológica desenvolvida em minha tese de doutorado¹, cujo objetivo geral é criar uma ferramenta que seja capaz de ler (HALL, 1994) culturalmente os ambientes, partindo do princípio da inseparabilidade entre homem – cultura – ambiente construído. Por meio de um embasamento teórico apoiado na arquitetura, na antropologia e na psicologia ambiental, a proposta foi conduzida na direção quatro dimensões sócio-culturais: hierarquia e poder; coletivismo; controle das incertezas; delimitação de territórios. Utilizei três escritórios como estudo de caso, para perceber como se debatiam no ambiente construído as dimensões selecionadas. Esta pode ser considerada como mais uma forma de avaliar o desempenho do ambiente construído, levando em consideração os aspectos culturais das pessoas que o utilizam. Como cada vez mais estamos caminhando para uma avaliação de cunho qualitativo, com um olhar incorporado (RHEINGANTZ, 2004), entendemos que as subjetividades e os valores dos usuários terão influência no resultado da avaliação, motivo pelo qual me propus a estudá-los, descobrindo como poderiam estar refletidos no ambiente.

Na sua íntegra, a proposta contempla diferentes etapas, a saber:

- *Observação de cunho etnográfico (permeia toda a pesquisa)*
- *Croquis de Campo (permeia toda a pesquisa)*
- *Entrevistas Informais (preenchem lacunas da observação)*
- *Questionários (obtem informações de forma anônima)*
- *Poema dos Desejos (permite a livre expressão dos usuários)*
- *Mapeamento territorial (verifica a apropriação pela ótica do usuário)*
- *Mapeamento e análise das redes sociais (evidencia principalmente situações de coletivismo)*

O cruzamento das informações obtidas nas diferentes etapas produz resultados mais verdadeiros para a pesquisa, mas todos eles são fundamentalmente embasados na observação de cunho etnográfico, assunto do qual trata o presente texto, escrito especialmente para a disciplina SADAC, do PROARQ/FAU/UFRJ².

¹ BRASILEIRO, Alice. **Rebatimento espacial de dimensões sócio-culturais: ambientes de trabalho**. Rio de Janeiro: PROARQ/FAU/UFRJ. Tese (Doutorado em Arquitetura), 2007.

² A ênfase do texto na observação não significa que os demais métodos sejam menos importantes, muito ao contrário. Eles complementam e por vezes confirmam as informações obtidas com a observação. Assim como os alunos de SADAC, aprendi sobre a maioria deles em uma outra disciplina, “Avaliação de Desempenho do Ambiente Construído”, com os professores Giselle Azevedo e Paulo Afonso Rheingantz. Este último, não por acaso, foi meu co-orientador no doutorado, tarefa que compartilhou com a professora Cristiane Rose Duarte, minha orientadora. Se hoje trago a ênfase para a observação, é justamente para complementar o aprendizado já desenvolvido sobre a maioria dos outros métodos, em outra disciplina.

1) POR QUÊ OBSERVAR?

Entendemos que a busca por elementos culturais no ambiente construído passa necessariamente por um contexto interdisciplinar, para que seja possível conjugar as informações tanto provenientes da cultura (antropologia), quanto do ambiente construído (arquitetura) e, dessa maneira, permitir a compreensão de como a primeira se reflete no segundo. Portanto, a adoção da observação com um viés etnográfico se faz necessária pelo fato de que a análise feita é de cunho essencialmente qualitativo, necessário para alcançarmos resultados mais representativos de como as subjetividades dos grupos de usuários podem estar refletidas no ambiente. Além disso, sustentamos que a observação é uma poderosa ferramenta, ao nos auxiliar na complexa tarefa de compreender como “os indivíduos de um grupo percebem e se apropriam dos espaços [...] e estabelecem domínios sociais” (DUARTE, 1993, p.230-231)³.

2) A OBSERVAÇÃO: COMO ELA ACONTECE?

Para observar é necessário transpor algumas dificuldades. A primeira delas é a estranheza que a presença do observador causa no ambiente (entenda-se nas pessoas). A esse respeito, Edgerton e Langness (1974, p.32), nos afirmam que

os seres humanos têm uma habilidade impressionante de supor o que os cientistas sociais querem deles e alteram seu comportamento para agradar, confundir ou enganar aqueles que têm a audácia de ‘estudá-los’ (...). Mas nenhuma técnica tem se mostrado tão eficaz a esse respeito quanto a observação participante⁴ prolongada⁵.

É pela constante permanência do observador no ambiente que sua presença vai deixando de ser estranhada (ou mesmo notada) pelos usuários (SOMMER, 1973; EDGERTON e LANGNESS, 1974; GEERTZ, 1989), deixando assim de representar um obstáculo à naturalidade dos eventos que ali se desenvolvem, contribuindo para um resultado mais verdadeiro da observação e da pesquisa como um todo. Todo esse processo ocorre no período de tempo que chamamos de **impregnação** (COSNIER, 2001). Segundo este autor, é um período no qual o pesquisador permanece no ambiente apenas observando e fazendo anotações, familiarizando-se e permitindo que o ambiente também se “familiarize” com a sua presença. Adotamos o princípio de observação discreta (COSNIER, 2001) ou passiva (SPRADLEY, 1980), portanto nossa postura foi o menos intrusiva possível, tanto para não interferir no trabalho das pessoas, quanto para minimizar o incômodo da presença de uma pessoa estranha ao ambiente da organização; esse incômodo é esperado e inevitável, pelo

³ Tradução livre da autora.

⁴ Muito embora os autores estejam considerando uma *observação participante*, na realidade são descritas várias situações em que não há efetiva *participação* do observador; apenas a *observação* em si.

⁵ Tradução livre da autora.

menos nos primeiros momentos. A duração desta fase depende do observador, mas também da complexidade do ambiente, entendida aqui como o conjunto de interações existentes no local, função direta da quantidade de pessoas que o utilizam simultaneamente, o que torna mais difícil e demorada a imersão do pesquisador.

Assim como relatado em diversas etnografias, verificamos que um dos instrumentos que fornecem suporte à observação é o caderno de campo, que pode ser um caderno propriamente dito ou mesmo um laptop; é o local onde são feitas as anotações e o registro dos dados que chamam a atenção na dinâmica do ambiente, muito semelhante e inspirado no caderno de campo de uma observação etnográfica, feita pelos antropólogos⁶. As anotações são feitas à medida que os fatos são observados, para que não sejam esquecidos posteriormente. Além disso, é também no caderno de campo que o pesquisador anota suas próprias emoções; o relato é feito não apenas do que é visto, mas também do que é sentido, para que depois as anotações possam ser relidas, pensadas e analisadas.

Além da condução da observação de forma que ela seja produtiva, a própria permanência no local também contribui para que o pesquisador adquira conhecimento sobre o ambiente; é criado um laço com os usuários, que permite serem várias informações adquiridas por meio de simples conversas informais. Fazendo uma comparação, é o tipo de convívio que um etnógrafo “tradicional” vai aos poucos adquirindo, quando passa a residir numa tribo juntamente com os nativos (GEERTZ, 1989). Em nosso caso, passamos a acompanhar problemas do seu cotidiano, como o intenso ar-condicionado ou quando este está com defeito; se a fechadura do banheiro quebrou; se o elevador do prédio demora a chegar; se alguém, por conta de uma música reproduzida em seu computador, vira alvo de brincadeira dos demais⁷...passamos aos poucos a compreender o que é motivo de riso para eles, o que lhes aborrece, o que deve ou não ser feito ou dito, e essa compreensão auxiliará na produção dos resultados. Contudo, a maior compreensão sobre o ambiente e seus sistemas sociais não deve se interpor ao mínimo estranhamento necessário ao observador. Ao se familiarizar demais com o ambiente, há o risco de se perder o discernimento necessário para a elaboração das análises. Ao mesmo tempo, há o reconhecimento das sensações e sentimentos do observador que vivencia em campo o cotidiano do ambiente em análise. Como a observação é um dos elementos muito importantes na pesquisa, da mesma forma que no procedimento etnográfico, é inegável que o contexto pessoal do próprio observador interferirá no modo como ele observa e no que ele observa; entendemos ser preciso, desde o período de impregnação, que haja uma consciência dessa influência, e que ela seja contextualizada em relação ao objeto de estudo. Nas palavras de Ruth Cardoso,

⁶ Ver, por exemplo, Spradley, 1980, p.69 et seq.

⁷ Todos os exemplos foram vivenciados por nós em nossa pesquisa de campo.

Observar é contar, descrever e situar os fatos únicos e os cotidianos, construindo cadeias de significação. Este modo de observar supõe (...) um investimento do observador na análise de seu próprio modo de olhar. Para conseguir essa façanha, sem se perder entrando pela psicanálise amadorística, é preciso ancorar as relações pessoais em seus contextos e estudar as condições sociais de produção dos discursos. Do entrevistador [observador] e do entrevistado [usuário] (CARDOSO, 1997, p.103).

Em uma metodologia de cunho subjetivo como é a observação, não há como manter uma posição de neutralidade em relação ao que está sendo observado, nem tampouco substituir “impunemente” um observador pelo outro. A observação etnográfica leva em consideração, mesmo que involuntariamente, o olhar e o contexto pessoal de quem está observando. Por isso, a consciência das próprias emoções⁸, bem como as referências a elas, no caderno de campo, tornam-se um importante referencial na pesquisa, porque facilitam as análises posteriores do material coletado.

Além do caderno de campo, as fotografias também se mostram úteis para auxiliar a observação⁹. As primeiras fotografias do ambiente começaram a ser feitas a partir do segundo dia de observação. Em um primeiro momento, apenas registrando as características do local, mas em seguida, alguns elementos observados no dia anterior também receberam atenção e seu respectivo registro em fotografias. Juntamente com a observação (que permeia todas as fases da pesquisa), a produção de fotografias igualmente se estende pelo mesmo período, e se constitui em um importante material coletado no campo, desde a fase de impregnação. Cabe ressaltar que fotografias são úteis não só como registros em si mesmas, mas também como “olhos do pesquisador”, que captam detalhes nem sempre percebidos à primeira vista, “a olho nu”, algumas vezes pela falta de percepção propriamente e em outras vezes pela falta de oportunidade ou conveniência do pesquisador permanecer mais do que 10 ou 20 segundos com o olhar preso a uma única situação. Nesse sentido, as fotografias servem para congelar um determinado instante, e permanecem disponíveis indefinidamente, sempre que o pesquisador precisar recorrer àquela situação específica que foi registrada. Além disso, servem como pontos de comparação entre situações anteriores e atuais, mormente nas situações exibidas no ambiente, como limites, poder territorial, símbolos coletivos e territórios de incerteza.

Ainda durante a primeira fase, a pesquisa apontou para a necessidade de haver atenção aos dias e horários da observação. A menos que haja disponibilidade do pesquisador e do ambiente, dificilmente a observação consegue ser realizada em período integral, todos os dias da semana. Como esse foi o nosso caso, experimentalmente, efetuamos algumas observações nos mesmos dias e horários, e posteriormente, mudamos propositalmente as ocasiões, revelando-se ambos

⁸ São também utilizadas pela abordagem atuacionista e pela psicogeografia.

⁹ Cabe mencionar que além das fotografias, também produzíamos croquis de campo (Descrito na proposta metodológica como a segunda etapa) ao longo da observação. São reproduções gráficas esquemáticas do ambiente e das diversas situações nele observadas.

procedimentos úteis, por diferentes motivos; a manutenção de dias e/ou horários na observação é útil para revelar acontecimentos cíclicos, que tenham lugar no mesmo dia ou hora. Já o procedimento de variar dias e horários é útil para aumentar a amplitude temporal da pesquisa. Por exemplo, em diferentes momentos, a presença ou ausência de uma ou mais pessoas pode ensejar *cenários*¹⁰ diferentes para a observação.

Cabe aqui um esclarecimento de que foi opção nossa (conforme BOAS, 2004, também recomendava) não obter informações previamente, antes da observação, para não prejudicar o desenvolvimento desta etapa. Por exemplo: ao saber, pela chefia ou pelos próprios funcionários, que “A” deveria trabalhar com “B”, o fato de eles estarem sempre juntos não seria estranhado, o que talvez obstruísse a visão da existência de um forte vínculo social entre os dois. Ao não tomar conhecimento prévio da informação, todos os fatos eram novos e estranhados; percebidos, anotados e verificada a sua repetição ou não, e em quais contextos (formal, informal, com mais pessoas, em qual ambiente da empresa etc.). Acreditamos que nossa pesquisa mostrou-se mais produtiva observando as dinâmicas e as interações primeiramente, para depois questionar, de maneira frutífera, as dúvidas surgidas. Sustentamos esta posição pela dificuldade em transpor informações casualmente obtidas de forma prévia, em um dos estudos de caso da pesquisa. Na ocasião, nosso contato dentro da empresa transmitiu-nos suas próprias impressões, afetos e desafetos na organização, interferindo, parcialmente, em nossa própria avaliação, o que demandou mais tempo e cuidado para que aquelas fossem transpostas e reavaliadas, desta vez somente em função do efetivamente observado, sem a interferência do julgamento pessoal de outrem.

Passada a fase de impregnação, o pesquisador começa a ter uma maior compreensão do que acontece à sua volta. É quando a observação entra em sua 2ª fase, que denominamos simplesmente de **observação paciente e constante**. Não há um momento específico para isso, e essa é uma apreensão que cada pesquisador, em cada ambiente, irá adquirir de uma maneira peculiar. Nos remetemos aqui a Lazarus e Cohen (1977), que sustentam a necessidade do tempo para o estudo transcorrer de forma apropriada:

(...),a relação entre pessoa e ambiente flui ao longo do tempo, por isso não devemos olhar para um único e estático momento, mas sim a continuidade do processo (...). Precisamos estudar as pessoas nas situações vividas diariamente, não somente uma ou duas vezes, mas repetidas vezes e intensamente, para obter um quadro válido e profundo dos processos sociais, psicológicos e fisiológicos e padrões estáveis dentro do mundo real, em vez do laboratório¹¹.

Portanto, fazendo parte desse processo, pudemos perceber após dois meses, algumas mudanças sendo inevitavelmente introduzidas em nossa proposta metodológica. Pudemos

¹⁰ Termo aqui utilizado no sentido do “behavior setting”, desenvolvido por Barker (1968).

¹¹ Lazarus e Cohen, 1977, p.119 e 121. Tradução livre da autora.

constatar que as primeiras observações continham muito mais anotações sem utilidade posterior do que as realizadas após um certo tempo. Assim, verificamos que **as anotações estavam ficando mais consistentes**.

Para que a observação não seja feita somente em função de uma descrição de eventos, “ao sabor” de cada situação (e que nem sempre o observador pode ter sensibilidade para perceber todas as ocorridas), procuramos estabelecer um certo direcionamento da observação, de modo a aprofundá-la, em um processo que também entendemos ser uma sistematização, porém em função das dimensões culturais. Para o desenvolvimento da nossa proposta metodológica, a adoção dessas dimensões foi um grande auxílio. As dimensões por nós escolhidas têm no ambiente de trabalho um campo fértil para o seu desenvolvimento, e foi de fundamental importância tê-las definido previamente, antes da ida a campo, porque passada a 1ª fase, de impregnação, foi possível buscá-las de forma mais objetiva, no ambiente físico e na sua dinâmica de uso, observando suas evidências, mas sempre mantendo o olhar atento a outros eventos também, fundamentais para contribuir para a compreensão do conjunto como um todo.

Nossa pesquisa mostrou a ocorrência de alguns pontos e situações específicas recorrentes, que revelavam as dimensões culturais. **Essas recorrências podem ser consideradas como indicadores**, que auxiliaram a configurar uma sistematização da observação, servindo muitas vezes um mesmo indicador a mais de uma dimensão simultaneamente. O levantamento dos indicadores foi elaborado a partir da própria observação, como se fosse um mapeamento. Ao final de cada dia de trabalho, ao reler nossas anotações no caderno de campo, fomos sinalizando quais itens indicavam a existência de uma ou mais dimensões, e ao listar todos juntos, com o material produzido em vários dias de observação, foi possível começar a perceber a citada recorrência de alguns deles.

Os indicadores não constituem em si mesmos um roteiro de observação, mas são resultado da imersão que o pesquisador faz no ambiente. Portanto, cada indicador anotado não produz simplesmente um “sim” ou “não”, mas respostas extensas, que devem esclarecer determinada situação no ambiente pesquisado. Em outras palavras, **os indicadores mapeados auxiliam na análise que é feita a partir da observação**; nossa pesquisa nos fez compreender que não representa um avanço significativo o pesquisador ir a campo com uma lista de itens a serem observados e se concentrar em um por vez, porque isso reduz a observação da diversidade de eventos, característicos de cada ambiente. Em nossa pesquisa, ao tentar transpor de forma rígida os indicadores mapeados de um estudo de caso a outro, a observação tornou-se incipiente¹², porque retirava a riqueza específica daquele estudo de caso, que apesar de contar com as mesmas dimensões culturais em evidência, apresentava eventos próprios e caminhos

¹² Marinoff (2006, p.45), mencionando o trabalho de Abraham Maslow, cita que “...se a única ferramenta em sua caixa de ferramentas é um martelo, uma porção de coisas começam a parecer pregos”.

não exatamente iguais para chegarmos até elas. A listagem rígida faz o pesquisador não perceber importantes acontecimentos que não deixam de ocorrer só porque ele não os está observando; essa sistematização proposta não se apresenta, portanto, limitada como se fosse um “check list”, que uma vez cumprido indicaria a observação também estar encerrada. Muito ao contrário, é a partir dela que outros questionamentos poderão surgir, evidenciando a necessidade dos métodos complementares e talvez a inserção de novas dimensões descobertas no ambiente pesquisado. Dessa forma, os indicadores cumprem o papel que seu próprio nome sugere: eles **são elementos indicadores de situações e sinais** que são úteis ao serem levados em consideração na observação, como forma de descobrir rebatimentos espaciais das dimensões culturais. Os indicadores obtidos pela observação de situações recorrentes em nossa pesquisa foram:

1. Acesso
2. Mobiliário
3. Fluxos
4. Permuta de equipamentos
5. Reprodução de músicas
6. Locais de socialização
7. Distância entre as pessoas
8. Símbolos coletivos
9. Interações entre as pessoas
10. Personalização
11. Posicionamento de objetos pessoais
12. Existência de grupos
13. Alcance visual entre superior e subordinados
14. Exposição de normas e avisos
15. Demonstração de cuidados com o ambiente

Nossa pesquisa nos mostrou que a observação desses itens é útil como auxílio para revelar as dimensões culturais refletidas no ambiente, que foram sendo percebidas não de forma estanque, mas, sim, como parte de um todo. Muitas vezes, o mesmo fato ou o mesmo indicador é observado mais de uma vez; isso não significa que a observação está sendo redundante, muito ao contrário. Esse procedimento não só ratifica a observação em si, como pode estar retratando o padrão recorrente de uso no ambiente estudado.

Nossos estudos de caso produziram os indicadores mostrados, mas apesar destes terem se revelado recorrentes nos três ambientes estudados (o que sinaliza uma certa perenidade na sua

existência), existe a possibilidade de que outros estudos de caso produzam outros indicadores. Os resultados de nossa pesquisa apontam para a importância de efetuar as análises finais e conclusões em função do todo – da observação de todos os indicadores e do resultado que juntos eles produzem, bem como das informações obtidas por meio dos outros métodos também.

Após termos visto as diferentes fases da observação, podemos tentar resumir, de forma sintética, os procedimentos que configuram esta como a etapa mais abrangente da proposta metodológica de análise cultural de ambientes de trabalho:

Observação de cunho etnográfico

Se inicia por um período de impregnação (COSNIER, 2001), quando o pesquisador busca uma maior compreensão sobre o ambiente;

Ainda nesta fase são iniciadas as anotações em um caderno de campo, tanto sobre os fatos vistos quanto sobre o que o pesquisador sente e analisa; também é iniciada a produção de fotografias;

Com o passar do tempo, os eventos que ocorrem vão se tornando mais compreensíveis, e é quando o pesquisador procura compreender a lógica cultural presente no ambiente (observação paciente e constante);

Com a compreensão da lógica cultural, despontam na observação alguns indicadores culturais, pontos recorrentes nos eventos observados, que dão forma à sistematização da observação.

3) CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta foi uma breve incursão pela utilização da observação de cunho etnográfico no estudo do ambiente construído. Procuramos mostrar suas etapas, os cuidados necessários na sua aplicação, e como ela pode produzir resultados. É importante lembrar, contudo, que o processo descrito neste texto é parte uma proposta maior, como foi dito no início. É a união de todos os métodos, utilizando a complementaridade existente entre eles, que se torna uma poderosa ferramenta para revelar como as subjetividades e os valores dos usuários podem estar refletidos no ambiente construído.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARKER, Roger. G. **Ecological Psychology**. Stanford, California: Stanford University Press, 1968
- BOAS, Franz. **Antropologia cultural**. Organização e tradução de Celso Castro. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- CARDOSO, Ruth. Aventuras de antropólogos em campo ou como escapar das armadilhas do método. In: CARDOSO, Ruth (org.). **A aventura antropológica: Teoria e pesquisa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997, p. 95-105
- COSNIER, Jacques. L'éthologie des espaces publics. In : THIBAUD, Jean-Paul; GROSJEAN, Michèle (Orgs.). **L'Espace Urbain en Méthodes**. Collection Eupalinos, Marseille: Éditions Parenthèses, 2001, p.13-44.
- DUARTE, Cristiane R. **Intervention Publique et Dynamique Sociale dans la Production d'un Nouvel Espace de Pauvreté Urbaine: Vila Pinheiros, Rio de Janeiro**. Paris: Université de Paris I – Sorbonne. Tese (Doutorado em Geografia), 1993.
- EDGERTON, Robert; LANGNESS, Lewis, L. **Methods and styles in the study of culture**. San Francisco: Chandler & Sharp, 1974
- GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- HALL, Edward. **A linguagem silenciosa**. Lisboa: Relógio D'água, 1994.
- LAZARUS, Richard S; COHEN, Judith B. Environmental Stress. In: ALTMAN, Irwing; WOHLWILL, Joachim F. **Human behavior and environment: Advances in theory and research**. New York: Plenum, 1977, p.90-128.
- MARINOFF, Lou. **Mais Platão, menos Prozac**. Rio de Janeiro: Record, 2006.
- RHEINGANTZ, Paulo A. De Corpo Presente: sobre o papel do observador e a circularidade de suas interações com o ambiente construído. In **Anais do NUTAU'2004**, São Paulo: NUTAU/FAUUSP, 2004.
- SOMMER, Robert. **Espaço Pessoal**. São Paulo: EPU, 1973.
- SPRADLEY, James P. **Participant Observation**. New York : Holt, Rinehart & Winston, 1980.